

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

EDUCAÇÃO, ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

ARTIGO

A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA

THE TRAINING OF LITERACY TEACHERS: PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE SCHOOL

NATALINA ASSIS DE CARVALHO

Mestra em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: nataassis@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho objetivou socializar um recorte da pesquisa intitulada "A formação de professoras alfabetizadoras: práticas pedagógicas na escola", de abordagem qualitativa, ancorada no método (auto)biográfico e que versa sobre as histórias de leitura de quatro professoras alfabetizadoras que desenvolvem a docência em uma escola pública no município de Catu-Bahia. Sendo o objetivo da pesquisa, conhecer as histórias de leituras das referidas professoras, no intuito de entender como as mesmas se constituíram leitoras e professoras alfabetizadoras e como desenvolvem práticas de leitura na sala de aula, tendo em vista a formação de pequenos leitores. A metodologia utilizada para a pesquisa foi de método (auto)biográfico, de cunho qualitativo, amparada na entrevista narrativa, além das observações no espaço da sala de aula, sendo este o procedimento metodológico utilizado para a recolha das fontes. O estudo destaca potencialidades da pesquisa (auto)biográfica com professoras alfabetizadoras, a partir do movimento de compreensão das narrativas, revelando como se constituíram leitoras e os desafios da prática ao alfabetizar. Dessa forma a pesquisa deu visibilidade as histórias de leitura e de professoras alfabetizadoras que cotidianamente enfrentam desafios no devir da docência.

Palavras-chave: Profissão docente, Formação do professor leitor, Narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

This study aimed to share a portion of the research titled "The Formation of Literacy Teachers: Pedagogical Practices in School," a qualitative approach grounded in the (auto) biographical method, which explores the reading histories of four literacy teachers who work in a public school in the municipality of Catu, Bahia. The objective of the research was to understand the reading histories of these teachers in order to explore how they became readers and literacy teachers, as well as how they develop reading practices in the classroom, with a focus on forming young readers. The methodology used for the research was the (auto) biographical method, of a qualitative nature, supported by narrative interviews, in addition to classroom observations, which were the methodological procedures used for data collection. The study highlights the potential of the (auto) biographical approach with literacy teachers, through the understanding of narratives, revealing how they became readers and the challenges they face in the process of literacy instruction. Thus, the research brought visibility to the reading histories of literacy teachers who face daily challenges in their teaching journey.

Keywords: Teaching profession, Formation of the reader teacher, Autobiographical narratives.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce no âmbito da disciplina "Abordagem (Auto)biográfica, Formação de Professores e de Leitores", no campo do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc/UNEB. Com a intenção de conhecer as histórias de leituras de quatro professoras alfabetizadoras que desenvolvem a docência em uma escola pública no município de Catu-Bahia. Cujo objetivo foi compreender as narrativas das professoras, no intuito de entender como as mesmas se constituíram leitoras e professoras alfabetizadoras e como desenvolvem práticas de leitura na sala de aula, tendo em vista a formação de crianças leitoras. Contudo, a ideia de pesquisar sobre professoras alfabetizadoras, sobreveio, a partir de estudos do Grupo Autobiografia, Formação e História Oral (GRAFHO), além dos conhecimentos de minha vivência, a locais desta natureza e a pesquisa acadêmica. O trabalho ganha força metodológica por se tratar de um método de investigação-formação, mediante as narrativas das professoras alfabetizadoras.

Nesse contexto, a escolha por trabalhar com professoras alfabetizadoras do município de Catu-Bahia se justifica por ser este o lugar um espaço onde estabeleço relações de vivência e experiência de vida. Nesse espaço, desenvolvi a minha vida profissional e pessoal. Também foi nesse lugar que passei a refletir sobre o processo de formação de professores, já que esses profissionais estavam tendo dificuldades em trabalhar com leitura e escrita, tendo em vista a formação de leitores. Assim, visando a compreender as diversas questões que emergiram da minha experiência, enquanto vivência inserida no espaço escolar, e como professora formadora, busquei ampliar e contemplar parte dessas questões na pesquisa.

Diante de tais considerações, a pesquisa tornou relevante pelo fato de promover um estudo que contemple narrativas de professoras atuantes que trabalham com alfabetização e desenvolvem o trabalho no município de Catu, BA, no que diz respeito à formação de professores, alfabetização, e prática pedagógica. Sabemos que muitas escolas vêm passando por problemas, dentre os quais se destacam a falta de estrutura, dificuldades na prática pedagógica com escrita e leitura de crianças e a evasão escolar. Dessa maneira, entende-se que muitos professores, durante a sua prática, no processo de alfabetização com crianças, sentem dificuldade ao lecionar ou, ainda, não lhe é oferecida a formação específica, nem continuada, para a melhoria no fazer pedagógico.

A metodologia utilizada compôs as narrativas autobiográficas, analisando a prática de professoras atuantes com crianças, em interface com as práticas de alfabetização, demarcando, assim, como se constituíram leitoras e a formação inicial e continuada. Dessa forma, através das narrativas, pude interpretar as emoções e comportamentos das professoras que vivem diversas situações na sala de aula. Nessa mesma direção, considerarei as narrativas como um instrumento fundamental no decorrer da pesquisa, pois, segundo Bertaux (2010), a narrativa de vida pode constituir um instrumento

de bastante importância de extração dos saberes práticos, com a condição de orientar para a descrição das experiências vividas pessoalmente. Além das narrativas, foram utilizadas observações para interpretar a prática docente dos professores no processo de alfabetização na sala de aula.

Considerando que a ação educativa deve ser um processo dinâmico em contextos de relevância social, entendemos que os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização buscam desenvolver uma compreensão sobre a importância de ensinar, aprender, ler, escrever e conhecer em situações que envolvem o uso da linguagem. Desta forma, a educação tem como objetivo central possibilitar aos indivíduos seu preparo para o exercício da cidadania, promovendo, assim, seu progresso pessoal e social por meio de atividades individuais e coletivas. Manifestar-se por meio da linguagem, atividade inerente ao ser humano, representa, primeiramente, sua necessidade de projetar-se no mundo, de expressar suas capacidades e de desenvolver-se socialmente, possibilitando também a outras oportunidades de ação.

No Brasil muitas escolas do ensino fundamental possuem baixos índices de aprendizagem no ensino de português, uma vez que, a leitura e a interpretação do que está sendo lido é uma dificuldade para muitos alunos. Conforme Cagliari, (2003), a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. É uma herança maior do que qualquer diploma. Muitos acham que ler e compreender um texto é um problema que o professor de língua portuguesa deve resolver na educação das crianças, mas não é necessariamente assim, cabe aos professores de outras áreas fazer essa interpretação de que a leitura precisa ser trabalhada em qualquer disciplina curricular.

Contudo, o segredo da alfabetização é a leitura, escrever é uma decorrência do conhecimento que se tem para ler. Desse modo, a produção de textos espontâneos é um dos métodos educacionais o qual faz com que a criança pense sobre

ambiente escolar. No entanto, o ensino não é a única coisa que o professor realiza na sala de aula, outras demandas acabam que surgindo dentro da profissão.

Segundo Nóvoa (1999, p. 15), "a função docente desenvolveu-se de forma subsidiária não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos ou leigos das mais diversas origens". Ainda, segundo o autor durante anos imputou-se a profissão docente a ação dos sistemas estatais do ensino. Nesse caso, a intervenção do Estado vai provocar uma homogeneização bem como uma hierarquização à escala nacional, de todos estes grupos: é o enquadramento estatal que institui os professores como corpo profissional, e não uma concepção corporativa do ofício. Devido a estas questões, Nóvoa diz que:

a partir do final do século XVIII, não é permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, a qual é concedida na sequência de um exame que pode ser requerido pelos indivíduos que preencham um certo número de condições (habilitações, idade, comportamento moral. (1999, p. 17)

Com efeito, podemos perceber um avanço na regularização da profissão docente, onde existem condições para ser professor. Para Nóvoa (1999) a criação desta autorização é levada a profissionalização do trabalho docente, além do mais facilita a definição de um perfil de competências técnicas, que servirá para delinear a carreira docente. Logo, o percurso profissional de professores é traçado por diversas formas, Nóvoa afirma que,

As dinâmicas de afirmação e de reconhecimento social dos professores apóiam-se fortemente na consistência deste *título*, que ilustra o apoio do Estado ao desenvolvimento da profissão docente (e vice-versa). Os professores são funcionários, mas de um tipo particular. (1999, p. 17)

Fica marcado e estabelecido que o Estado mantém um papel importante no desenvolvimento da profissão docente, já que, possuem uma carreira, onde é construída e marcada pela regularização. Para Nóvoa (1999) o trabalho docente diferencia-se como conjunto de práticas tornando-se assunto de especialistas, que são chamadas a consagrar-lhe mais tempo e energia.

É possível entrever um certo desconforto, quando se trata da profissão docente na sociedade capitalista, em se tratando, de algumas questões que são desafios no trabalho do professor. Tem um ponto que é a resignificação da profissão docente, onde caberia a formação de professores da conta destas questões atuais. O homem através de sua práxis compreende as relações existentes no processo criativo do trabalho. Ou seja, o modo tecnicista do trabalho não dá mais conta, de dizer que a práxis humana, recai com uma ação apenas técnica, mas sim cheia de subjetividades. O trabalho é manual, mas perpassa pelas subjetividades do indivíduo. Por isso, a profissão docente no contexto

capitalista, sofre com elementos que advêm de questões postas dentro da realidade.

O que está instituído pela escola, é algo que o professor dá conta de maneira mais passiva. No entanto, no atual contexto o instituinte sempre se coloca dentro da profissão docente. Assim, o professor deverá ter conhecimentos para manuseios das questões que irão aparecer no contexto escolar. Nesse sentido, em se tratando do contexto da sala de aula este também é atingido pelo capitalismo e tecnologias, por isso o instituinte adentrado nos espaços, mesmo com dificuldades, devem ser manuseados e com atenção.

No que tange a formação de professores em vários espaços, compreende-se como,

[...] a formação de professores, as instituições educacionais, não representam o único espaço de saber, uma vez que co-existem, múltiplos espaços como a mídia, as empresas, os movimentos sociais, as Organizações Não Governamentais (ONGs), os sindicatos, as comunidades virtuais, os blogs, o grupo de amigos, as associações entre outros espaços geradores de experiência e saberes. (HETKOSWSKI, 2009, p. 245)

O contexto contemporâneo demonstra a necessidade de processos formativos reflexivos e em vários espaços. Os espaços formativos muitas vezes são medidos por serem instituições escolares ou de universidades. Mas, se partimos do ponto de vista da experiência, constatamos que toda experiência é formativa, seja essa no trabalho, nas ONGs, nas comunidades, na rua e nos mais diversos lugares. O saber adquirido em outros espaços não acadêmicos são lugares também de formação, onde construímos dentro da vida pessoal e profissional.

##

é o que dará suporte ao professor. Ao longo dos anos, vem se questionando os cursos de formação continuada fragmentados e de pouca duração, como um meio efetivo para alteração da prática pedagógica, Mizukami (2002, p. 71) diz a esse respeito: "Esses cursos, quando muito, fornecem informações que, algumas vezes, alteram apenas o discurso dos professores e pouco contribuem para uma mudança efetiva". Essa é uma perspectiva clássica da formação continuada de professores, que é vista como um processo de reciclagem, uma atualização. Segundo Candau (1996) há uma reciclagem dos professores quando recebem cursos de aperfeiçoamento oferecidos pelas universidades ou pela secretaria de educação e/ou quando participam de simpósios, congressos e encontros.

Contrária a essa visão clássica, pesquisas sobre uma nova concepção de formação continuada foram desenvolvidas. Para Candau (1996) todo processo de formação continuada deve ter como fundamental a valorização do saber docente e a experiência que este possui na escola. Sendo assim, o professor deve apropriar-se de seu processo de formação e fazer um processo de reflexão sobre a sua história de vida seja numa dimensão pessoal ou profissional. Candau afirma ainda:

A formação continuada não pode ser como um processo de acumulação (de cursos, palestras, seminários etc., de conhecimentos ou de técnicas), mas sim como um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua. E é nessa perspectiva que a renovação da formação continuada vem procurando caminhos novos de desenvolvimento. (1996, p. 150)

A reflexão sobre saberes que estão se configurando na docência é importante para uma construção da identidade profissional do professor. Segundo Mizukami (2002) com o novo perfil do professor, o conceito de formação docente é relacionado ao de aprendizagem permanente, onde se consideram os saberes, as competências docentes, como decorrência da formação profissional, das aprendizagens ao longo da vida. O processo de construção do professor se desenvolve a partir da prática pedagógica, pelo compromisso com o seu trabalho, através de uma formação contínua e mediadora de conhecimentos. O que acrescenta, também, nesse processo de construção de identidade são as experiências vividas, as relações dos professores entre si e com outras pessoas.

As práticas de leitura construídas pelo professor apenas no espaço escolar, não possibilita um avanço na prática pedagógica. Por isso, as práticas de leitura construídas não só pelo professor, mas em outros espaços no ambiente familiar, onde são fundamentais para cultivar o amor pelos livros e o hábito na leitura. Ao adotar uma abordagem diversificada, inclusiva e crítica, o educador pode transformar a leitura em uma experiência enriquecedora, preparando os alunos para

serem leitores autônomos e críticos na sociedade contemporânea. O desafio está em criar um ambiente estimulante, onde a leitura seja vista não apenas como uma obrigação, mas como uma porta aberta para o conhecimento e a imaginação.

A formação de professores alfabetizadores é um processo complexo que demanda atenção e investimento. Enfrentar os desafios e adotar práticas eficazes pode transformar a educação e garantir que todos os alunos tenham acesso a uma alfabetização de qualidade.

NARRATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Certamente, é essencial compreender o papel da autobiografia como potencial de formação e método de conhecimento, que busca no território da formação de professores, encontrar recursos que possam subsidiar o trabalho desenvolvido com estas professoras, em especial as alfabetizadoras. Assim, a abordagem autobiográfica é uma forma de investigação e procura na formação de professores localizar elementos significativos para os sujeitos seja ele pessoal ou profissional.

A autobiografia tem sido utilizada como metodologia de pesquisa e de formação para professores e pesquisadores, como instrumento de produção e de autoconhecimento. Emprega conceitos em diversos campos do conhecimento, seja a história de vida, a narrativa de formação ou outros. No momento da atuação acadêmica destes profissionais, estes encontram na prática autobiográfica a probabilidade de reflexão sobre sua trajetória de vida (SILVA; COSTA, 2008). Assim, analisar as narrativas é um processo de construção de conhecimento para a formação dos professores.

Para Souza (2006), as histórias de vida são de suma importância para o pesquisador, pois podem propiciar uma melhor compreensão do professor e constituem um momento em que se rememora o vivido, seja ele na experiência pessoal ou profissional. As narrativas seja ela oral ou escrita exigem um esforço do sujeito na construção de suas memórias, resultando em lembranças organizadas linearmente ou não.

No que diz respeito, as narrativas estas permitem que o sujeito passe por um processo de busca das experiências no seu interior para chegar aos acontecimentos. Além do mais, fornece estado de espírito, sensibilidade, pensamentos a propósito de emoções, sentimentos, assim como, atribuições de valores (JO

processos de constantes formações, assim, as implicações sobre influências familiares e a profissão são elementos para os sujeitos compreenderem o seu processo nas experiências.

Diante da escolha metodológica com viés de pesquisa-formação, o trabalho foi realizado com quatro professoras alfabetizadoras no município de Catu, Bahia, em uma escola municipal, com intuito de entender como se constituíram leitoras e professoras alfabetizadoras e como desenvolvem práticas de leitura na sala de aula, tendo em vista a formação de crianças leitoras. No primeiro contato com as quatro professoras alfabetizadoras, informou-se como seria realizada a pesquisa e os seus objetivos. Esclareceu-se todo processo de trabalho com as entrevistas narrativas, elucidando que essa metodologia de trabalho seria não só um método de investigação, mas de formação. Durante o processo de pesquisa, as professoras escolheram os seus nomes fictícios para preservação das mesmas. A primeira professora a narrar foi a Maria que teve sob sua orientação, um grupo de quinze alunos da alfabetização, com idade entre seis e sete anos.

[...] Sou professora desde 24 anos, mas comecei a trabalhar com alfabetização tem dois anos. Meu interesse com a leitura sempre foi muito pouco, porque não tinha pais para incentivar o tempo todo, o livro era sempre um cansaço. Hoje vejo a importância de ler, trabalhar com alfabetização abriu meus horizontes. Meus alunos sempre foram bastante interessados, mas na verdade muitos têm muita dificuldade, e compreendi que é por conta das leituras não realizadas em casa. Sempre incentivo meus alunos, além das leituras exercícios, tenho o cantinho da leitura, onde levam sempre um livro a cada dia para casa. (Professora Alfabetizadora Maria)

A professora mostra a sua experiência na docência, mas afirma que trabalha com a alfabetização a pouco tempo. A professora em sua narrativa revela o pouco interesse dos alunos a leitura, por conta do não incentivo dos pais. Entretanto, a docente diz estimular os alunos, através do cantinho da leitura, para que eles ganhem o prazer de ler. A sua narrativa ainda demarca, a alfabetização como um processo que precisa resgatar o interesse do leitor. Assim, a professora fala sobre a importância da família no acompanhamento da leitura, como um elemento de incentivo aos filhos, já que dentro da sua história de vida ela não obteve o estímulo da leitura enquanto criança.

Na presente pesquisa, as professoras que corroboraram, apresentaram em comum dificuldades ao desenvolver práticas de leitura:

[...] A minha vida sempre muito difícil, mas de muitas vitórias. Ser professora era sempre uma vontade minha. Fui aprendendo a ler no trabalho da minha mãe, onde eu encontrava livros espalhados em uma sala de aula, ficava lendo, passei a gostar muito de ler livros. E conseguir realizar, comecei a alfabetizar desde muito cedo. É muito lindo ensinar

a ler e escrever. Complica tudo isso, porque os subsídios são poucos. Não temos muitos textos diferentes para a idade deles. E aí é uma confusão, porque tenho que me virar para fazer o trabalho que está bastante precarizado. Não sei, mas é pouca atenção a nós, professores alfabetizadores. Não temos um cantinho de leitura e nem um projeto[...]. (Professora Alfabetizadora Bete)

A profissão coloca qualquer pessoa a repensar o ser e estar na sala de aula. E estar no curso de pedagogia me fez amar o estágio com alfabetização. Depois, nossa fiquei apreensiva para trabalhar com a alfabetização, como moro em Catu, tive essa oportunidade de trabalhar aqui na prefeitura. É difícil às vezes, porque não há uma formação continuada voltada a alfabetização, e assim fica complicado às vezes. Temos o cantinho de leitura, mas fica faltando algo. A formação é importante para trabalharmos, e as dúvidas sempre surgem. (Professora Alfabetizadora Carla)

Com o pincelar das vozes, a alfabetizadora Bete, demonstra que apesar das dificuldades em sua vida, conseguiu muitas conquistas. A professora narra o seu gosto pela leitura, que iniciou na infância, nos momentos em que a mãe à levava para o trabalho, e nessa espera encontrava livros e passava a ler.

Desse modo, o processo de formação acontece quando o sujeito tem a oportunidade de conhecer as suas interações e subjetividades. A reflexão da vida pessoal, profissional e social remete o sujeito a questionar suas aprendizagens e compreender sua trajetória autoformativa. Além disso, Bete expôs as dificuldades na sala de aula, e a falta de estrutura e recursos para o ensino e incentivo da leitura. A narrativa da professora Carla evidencia gostar do trabalho com a alfabetização ainda na formação inicial no curso de pedagogia. No

A professora Zélia, fala sobre ao sua constituição leitora ainda na infância, em momentos com sua tia, onde foi marcado pelo afeto e o gosto de ler. Além disso, emergiram nas narrativas, elementos que sinalizam a dificuldade em alfabetizar, demarcando as diferenças e níveis que cada aluno se encontra. O ensino tradicional ainda é uma prática muito utilizada pela professora, afim de conseguir alfabetizar. Sendo assim, quando o professor narra a sua história, ele passa por um momento de rememoração da profissão docente, ou seja, uma reflexão sobre a prática pedagógica na sala de aula. Segundo Josso (2004), a formação como aprendente é um agente para se pensar nos processos de temporalidade, experiência, aprendizagem, saber-fazer, subjetividade e identidade.

A narrativa das professoras Carla e Zélia, retrata ainda sobre as práticas de leitura:

Desde pequena, via a minha mãe indo pra escola da aula. Decidi ser professora. Certamente, foi uma decisão certa do que queria, porque gostava muito da ideia de ser professora. Agora eu tento ensinar aos alunos ler, através de repetição, de silabar. Trago rótulos de embalagens para que eles façam a leitura (Professora Alfabetizadora Carla)

É uma prática doce, mais difícil. Todos os dias eu tomo a leitura, é cansado, mas coloco os meninos pra me ajudarem também enquanto tomo a leitura do outro. A ideia é colar sílabas, formar palavras, utilizar desenhos de imagem para ler, ajuda muito (Professora Alfabetizadora Zélia)

Ainda assim, nas narrativas percebemos a influência familiar na escolha da profissão. Além de que, o trabalho com a prática de leitura e suas dificuldades é recorrente na fala das duas professoras. Às alfabetizadoras Carla e Zélia apontam ainda em suas narrativas um método de ensino mais tradicional com a repetição de sílabas e uma forma mais construtivista mostrando rótulos de embalagens associando a realidade. Dessa forma, percebe-se formas parecidas nas práticas pedagógicas entre as professoras, demonstrando várias habilidades e tendo em vista a formação de leitores. Além disso, as narrativas autobiográficas foi um método importante para os professores refletirem e entrar num processo de formação sobre suas questões diversas.

Segundo Souza (2006), adota-se o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores. A abordagem autobiográfica externaliza as vozes da vida e os faz entender a experiência adquirida ao longo desta. A abordagem (auto)biográfica pode ser entendida como uma forma de mediar estratégias que permitam ao professor tomar consciência de suas responsabilidades pelo processo de sua formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida. E, nesse sentido, quando eles tentam justificar a opção pela profissão, retomam elementos que nos parecem essenciais

à construção transacional da identidade docente. (PASSEGI, 2006, p. 262)

O processo de lembranças propicia ao professor analisar a sua prática na profissão docente, a responsabilidade que exerce perante a sua profissão. A abordagem autobiográfica auxilia o docente a criar formas de entender o seu percurso e, é na profissão docente, que se descobrem enquanto profissionais. A memória é constituída pelas experiências passadas e com planos do futuro, desta forma, no ato de narrar volta-se ao passado de uma história até questionar o presente. Os questionamentos do sujeito decorrem das aprendizagens passadas e, a partir destas, buscam resposta para o futuro, estão sempre em busca de algo e se questionando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado a partir da "Formação de Professoras Alfabetizadoras: práticas pedagógicas na escola", comprovou que algumas professoras alfabetizadoras foram se constituindo leitoras desde a infância, quando estavam com suas famílias e conseguiam ter acesso e o incentivo para leitura. Constatou-se também, através da narrativa de uma professora, quenão obteve o estímulo da leitura, no período da sua infância.

Ficou evidente que as práticas de leitura na sala de aula eram baseadas no ensino tradicional, já que, se repetia palavras e soletrava sílabas. No entanto, alguns desses fazeres docentes pautava-se na construção do conhecimento, através da realidade da criança, onde a professora levava a sala de aula materiais de imagens para construção de textos. Além disso, as professoras narraram a complexidade em alfabetizar devido as diferenças e níveis que cada aluno se encontrava no processo de alf

ao longo da vida, existe sempre uma porta aberta de que o professor desenvolva competências de leitura, mesmo aquela que o aluno já deveria ter dominado em etapas anteriores de sua vida. Dessa forma, seja pelo esforço pessoal, seja pela implantação de políticas de formação continuada, voltadas ao incremento do repertório cultural dos agentes da educação formal, o professor pode e deve caminhar no sentido de se tornar um leitor capaz de entender e ajudar os seus alunos.

REFERÊNCIA

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: Scipione, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Formação Continuada de Professores: Tendências Atuais. In: REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996, p. 139-152.

HETKOWSKI, Tânia Maria; NASCIMENTO, Antônio Dias. Educação e comunicação. Diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão. Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnologias. HETKOWSKI, Tânia Maria; NASCIMENTO, Antônio Dias (orgs). 1. ed. Salvador: ed. Edufba, 2009. 400 p.

JOSSO, Marie-Cristine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LAVALLÉE, Marcel. Analfabetismo e sistema escolar na Bahia. São Paulo, editora ática, 1995.

NÓVOA, António. (org.). **Profissão Professor**. Porto: Editora Porto, 1999.

MIZUKAMI, M. G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EDUFSCar, 2002.

PASSEGI, Maria Conceição. et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB 2006, p.257-268.

SILVA, Nilce da; COSTA. P. C. da. Autobiografização mútua na pesquisa sobre a formação dos professores por meio das histórias de vida: algumas considerações epistemológicas. **Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v. 17, n. 29, p. 51-66, jan./jun., 2008.

SOUZA, Solange Jobim e, e KRAMER, Sonia. Apresentação. Professores: Sujeitos na história e sujeitos da história. In: Sonia Kramer e Solange Jobim e Souza. (Orgs). **História de Professores**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SOUZA, Solange Jobim e, e KRAMER, Sonia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: Um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: Sonia Kramer e Solange Jobim e Souza. (Orgs). **História de Professores**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; d'AVILA, Cristina. (Orgs.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008. p.13-21.